

Diversidade enquanto potencial. Crescimento no Todo: do Pessoal ao Laboral

Carlos Barros¹

Linha temática: Educacional

Tipo: Investigação científica

1 – Introdução

A aceitação da diversidade em qualquer contexto pode ser considerada como resultado de várias influências de sistemas sociais entre o micro e o macrosistema. Os vários sistemas de interação mais próximos (e.g. família, escola, amigos/as) e os mais distantes (e.g. políticas sociais, normas culturais) acabam por ter impacto na educação ao longo da vida (BRONFENBRENNER, 1979, 2005) e fazer parte de um *continuum* entre ser-se influência *versus* ser-se influenciado.

As famílias verificam-se como um grupo de interação diferenciado de outros tipos de grupos humanos, nomeadamente uma equipa desportiva, uma organização empresarial ou, simplesmente, um grupo de amigos. Pode-se situar o sistema familiar como uma unidade cultural que funde num sistema aquilo que outros trazem das suas famílias de origem e respetivas narrativas (GAMEIRO; SAMPAIO, 2005). Estas características devem ser relativizadas quer do ponto de vista cultural, quer histórico. Refere-se, por exemplo, a necessidade da ciência e a intervenção acompanharem as múltiplas formas de estruturas e dinâmicas familiares, garantindo a sua representação no espaço social (BARROS, 2021; MAIA; FERNANDES, 2015; SARACENO; NALDINI, 2003).

As famílias são conceitualizadas como redes de relações de interdependência, caracterizadas por dimensões comportamentais e emocionais que estão associadas à interação e suporte mútuo entre familiares de diferentes gerações: avós, figuras parentais e filhos/as (BENGTON; MANGEN, 1988; LOWENSTEIN, 2007).

Ao longo da vida, as gerações vão-se estabelecendo como rede de suporte e aprendizagem/adaptação aos seus membros, do qual a (e/i)migração não é exceção pois acrescenta desafios à coesão e conexão do grupo.

Para nos aproximar da compreensão desta dinâmica, faremos uso do modelo da Solidariedade Intergeracional definido por Bengton e Oyama (2007), que é multidimensional

¹ Investigador Integrado no Research Centre for Communication and Culture da Universidade Católica Portuguesa. Investigador no Programa de Pós-Doutoramento em Desenvolvimento Humano Integral na Católica Doctoral School e, simultaneamente, Docente na formação de executivos da Católica Lisbon School of Business & Economics. É, ainda, External Expert na avaliação de projetos de Ciência e Tecnologia na COST - European Cooperation in Science and Technology e representante português na comissão de gestão da ação internacional TraFaDy - Transnational Family Dynamics in Europe. Doutorado em Psicologia, com especialidade em Psicologia Social (Universidade de Lisboa), dedica-se ao tema da solidariedade intergeracional em famílias com migrantes, focando o uso de novas tecnologias para união entre países e gerações.

e integra dimensões distintas. A saber, as dimensões: afetiva, associativa, consensual, funcional, normativa e estrutural. Mais tarde foi adicionada a dimensão do conflito (LOWENSTEIN, 2007), pois é vital à análise de relações que podem potenciar a noção de pertença e aumentar a resiliência ao longo da vida, mas também são repletas de contradições e paradoxos (ALBERT; FERRING, 2018).

Neste trabalho, iremos abordar transversalmente o conflito-ambivalência e aprofundar as dimensões: *consensual* – que agrega o que diz respeito à proximidade ou divergência de opiniões, valores e orientações entre gerações sobre a realidade social que é percebida, incluindo as esferas de ação menos próximas e macrossistémicas; ainda, a *normativa* – aqui situam-se as expectativas referentes às obrigações filiais e parentais, bem como as normas da importância familiar, num código de aceitação e/ou rejeição de comportamentos entre membros do grupo (BENGSTON; OYAMA, 2007).

A construção de identidade(s) e ajustamento dos vários elementos pareceria afetada pela distância entre gerações que emigram e as que ficam no país de origem. Porém, as tecnologias de comunicação e maior facilidade de transporte parecem ter um papel crucial para a comunicação e bem-estar nas famílias transnacionais (BALDASSAR; MERLA, 2014).

A literatura refere que os meios de comunicação acessíveis e as viagens de baixo custo simplificaram a manutenção de relações transnacionais, respectivas trocas de apoio (e.g. afetivo, financeiro) entre fronteiras e gerações (BALDASSAR et al., 2016).

Importa, assim, estudar de que modo se estabelecem relações e como os vários membros impactam o bem-estar pessoal, relacional ou mesmo laboral como resultado: *i)* do uso de meios digitais que potenciam interação (constante) num território desmaterializado, em que a dinâmica ocorre através de ecrãs de aparelhos digitais que anulam fronteiras (MATEIA, 2018); e ainda, *ii)* da distância que pode ser um desafio, mas com a simplificada deslocação de pessoas e bens, convida à reflexão sobre as reconfigurações familiares nestes contextos.

É objetivo explorar as perceções de jovens adultos/as que emigraram, com figuras parentais (FP) em Portugal, para se compreender os valores perante a articulação da vida laboral-pessoal-familiar, mecanismos de adaptação e vivência da diversidade como mais-valia.

2 - Metodologia

Para estudar a perceção de vivências, significados e expectativas, recorreremos à elaboração de um estudo qualitativo. Optamos pela utilização do paradigma pós-positivista (CHARMAZ, 2006), com análise temática assente em categorias prévias e posteriores (CHARMAZ, 2009; GUERRA, 2006).

2.1. Participantes

Participaram no estudo jovens adultos/as portugueses/as emigrantes ($N=22$). Segundo a sua autoidentificação, a maioria eram do género feminino ($n=17$) e alguns do género masculino ($n=5$). As idades situavam-se entre os 23 e os 33 anos ($M=28,90$; $DP=2,44$) e viviam fora de Portugal entre 2 a 14 anos ($M=4,81$; $DP=2,83$). Todos/as originários/as de Portugal

Continental e emigrados/as em países do Espaço Europeu e Espaço Schengen, com pelo menos uma figura parental a residir em Portugal.

2.2. Instrumentos

Foi desenhado um guião de entrevistas semiestruturado para entrevistas individuais, que foi previamente testado quanto à sua perceção e conteúdos em dois grupos: investigadores/as ($n=4$) e pessoas com perfis semelhantes ao estudado ($n=4$).

O guião aplicado é composto por cinco blocos temáticos, precedidos de um bloco inicial de apresentação. Os blocos temáticos abordados foram: *i) Caracterização da família; ii) Experiência migratória, bem-estar e motivações; iii) Manutenção de relações afetivas; iv) Rede de suporte entre gerações; e, v) Transmissão de valores entre gerações.*

À aplicação do guião de entrevista foi primeiramente recolhido o consentimento informado e um questionário sociodemográfico.

2.3. Procedimentos

Com divulgação impressa e via digital através de website/redes sociais do projeto em organismos de suporte a comunidades portuguesas no estrangeiro, entidades autárquicas em Portugal e comunicação social, foi solicitado o recrutamento voluntário de participantes.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio, transcritas com posterior destruição de registos gravados e alterados os nomes dos/as participantes, de modo a garantir sigilo. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, ou através de meios de comunicação digital, com salvaguarda de identidade e confidencialidade dos dispositivos. A duração média de cada participação foi de 50 a 70 minutos. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

O N ultrapassou o previsto, já que era determinado pela saturação teórica de dados, tratando-se de uma amostra de conveniência (CHARMAZ, 2006).

2.4. Análise de Dados

A aproximação às entrevistas foi feita através da familiarização de dados (ler, reler, tornar íntimos os dados) para proceder à análise em três unidades de significado. *i)* codificação aberta, *ii)* codificação axial e *iii)* codificação seletiva, que permitiu saturar teoricamente as categorias centrais.

De modo a evitar enviesamento de análise (BIRKS; MILLLS, 2011; CHARMAZ, 2006) o autor do estudo fez a análise dos dados, participando a restante equipa do projeto em consultoria dos dados, atribuindo reflexibilidade e validade para uma perspetiva construtivista da realidade social (CHARMAZ, 2009). Foi feito recurso ao Software QRS N-Vivo 11.

3. Resultados e discussão

3.1. Valores e normas sociais: indivíduo, família e emprego

Os/as filhos/as emigrantes encontram valores comuns e também diferentes às suas figuras parentais (FP) em Portugal. Na quase generalidade dos/as participantes, há percepção de valores coincidentes com os das FP. No entanto, muitos/as participantes referem que a família ascendente é percecionada pelos/as mesmos/as como mais conservadora, mas realçando os valores e orientações comuns.

Os valores comuns mais referidos são a importância da autonomia, conexão familiar, entajuda e suporte social (solidariedade com a família, mas também com as comunidades onde vivem), respeito pela individualidade, direito ao espaço individual, liberdade e direito à opinião. A título de exemplo apresenta-se a narrativa sobre a concordância dos mesmos na entrevista ao participante Rodrigo (F2):

“dos meus pais recebi valores bastante importantes de zelar pelos seus próprios interesses, de eu zelar pelos meus próprios interesses, mas nunca passando por cima das outras pessoas para atingir os fins que eu quero [...] também tipo uma ideia de ser generoso para com as pessoas que estão à minha volta, as que estejam mais próximas de mim ou mesmo outras que não sejam ainda parte da minha vida”.

No entanto, mais de metade dos participantes refere que a ausência de vivência intercultural e/ou internacional das FP, a par de serem de uma geração menos global, cria diferenças, percebendo as FP como menos capazes ou sensíveis perante a diversidade, destacando temas relacionados com minorias sexuais, étnicas, religiosas e culturais. A tolerância e aceitação da diversidade foi surgindo no contexto das vivências interculturais, resultante da migração destes participantes. Recorrendo ao mesmo participante, que refere que:

“a tolerância, basicamente, em relação a coisas diferentes, a tudo o que é diferente, foi uma coisa que eu aprendi por mim próprio, ou seja, não é, propriamente, um valor que seja transversal a mim mesmo e aos meus pais” (Rodrigo, F2).

De notar também a diferença de valores e atitudes em cerca de um terço dos/as participantes perante o que deve ser um espaço laboral adequado: percecionam-se como mais dinâmicos e menos permissivos em contextos profissionais desconfortáveis e abusivos, refletindo sobre a incerteza laboral em Portugal, que consideram estar nas motivações para a emigração.

Surgiram como principais resultados a falta de responsabilidade social dos contratantes, o desrespeito de limites horários, sobrecarga de tarefas, desconsideração pela formação/habilitações e, ainda, desconsideração de limites entre o pessoal-laboral (e.g. ordenados abaixo das qualificações; pedido de tempos experiência elevados em recém-formados; pedido de uso de viatura própria em contexto profissional, sem ajudas de custo; contratos precários que impedem crescimento familiar).

Estas entrevistas revelam-nos uma diferença geracional percebida por estes filhos/as, em que as FP sentem mais evitamento da incerteza perante o mercado, por receio de não ter emprego, mas com desgaste para o seu bem-estar. Isso leva à existência de menos compreensão das decisões de “risco” tomadas por estes/as jovens adultos/as, sobretudo em contexto de emigração onde não estão protegidos/as pela rede familiar imediata.

3.2. Grupo familiar: espaço de obrigações e liberdades ao longo da vida?

Uma grande maioria dos/as participantes ($n=18$) referiu que a família é percebida como estrutura de unidade, peso e contexto para maior bem-estar. No entanto, é também um espaço de conflito e ambivalência ($n=13$).

A diversidade de papéis de género e familiares é a divergência mais comum, ilustrando com o excerto da participante Carina (F8):

“a minha família é mais conservadora do que eu. Por exemplo, não ter casado pela Igreja, foi um grande problema, não ter filhos [...], ir a Portugal com frequência e deixar o meu marido cá. O meu marido ir de férias durante o ano [para eles] é um problema”.

Contudo, cerca de metade dos/as participantes refere que há um esforço e diálogo que permite ver em conjunto uma variedade de valores e normas. Recorrendo à mesma participante que refere “apesar, há um amor incondicional que consegue compreender que para a minha carreira e para a minha vida [...] tudo era importante” (Carina, F8).

Embora considerem que as gerações mais velhas têm mais influência na criação de normas familiares e expectativas, cerca de um terço das entrevistas referem que após certa idade/ganho de autonomia dos/as mais jovens, as relações são mais circulares, sem peso de transmissão de valores dos mais velhos para os mais novos.

Cerca de metade dos/as participantes refere que as FP são essenciais para que possam explorar o mundo enquanto e/imigrantes – mesmo numa relação constante entre coesão, mas também conflito/ambivalência pela tensão da interdependência.

A percepção de existência de laços de entreaajuda, em momentos bons e/ou maus, aumenta a confiança para explorar o mundo, como nos relata a participante Beatriz (F19) “[a contar o que as FP lhe disseram] vai, nós vamos ajudar e quando não houver alternativas volta que nós somos um plano de ‘backup’ para ti, para te apoiar”.

Por outro lado, a possibilidade de ter de vir ajudar os parentes em Portugal aquando do seu envelhecimento ou adoecimento leva-os/as a um estado de ambivalência entre o que pretendem para a sua vida, o que pensam que devem escolher para estarem seguros/as (e.g. estabilidade laboral, compra de habitação) e o pensamento ambivalente entre ‘ir-ficar’, perdendo a sua vida no país de destino. Ainda, foram relatados vários testemunhos de *stress* com a hipótese inesperada de terem de voltar ao país de origem e viver num contexto com o qual já não se identificam (e.g. vários participantes preferem não falar abertamente das suas emoções, círculos de amizade reduzidos, envelhecimento ou mesmo sobre a sua orientação sexual quando não normativa). Estes participantes optam por estratégias

assentes no evitamento de temas com as FP, adoção de comportamentos que lhes fazem sentido no país onde vivem e fortalecimento de outras vertentes comuns, acreditando que irão resolver diferenças, pois há um compromisso filial-parental de suporte em qualquer momento.

As tecnologias de comunicação, sobretudo através de videochamadas, chamadas áudio e redes sociais permitem a criação de um “território comum” onde podem ir partilhando o que sentem, aproximando-se do que lhes faz sentido, planeando momentos presenciais com frequência e promovendo valores transculturais que beneficiam a coesão entre as várias pessoas intervenientes.

4. Conclusão

Considerando o grupo familiar num contexto multissistémico e interseccional, devemos ter presente que é um contexto privilegiado à socialização ao longo da vida (GIDDENS, 2014). Desde cedo, as figuras parentais, bem como as restantes figuras familiares, podem plasmar comportamentos, atitudes, normas e valores que vão integrando a perceção de grupo e acompanhando o desenvolvimento individual que os membros vão experienciando nas suas narrativas (BARROS, 2021). Assim, é vital criar espaços de desenvolvimento, diálogo e inclusão para que diversas gerações possam ser provedoras de bem-estar, coesão, redução da incerteza e desconstrução de preconceitos.

A aproximação à Solidariedade Intergeracional (BENGSTON; OYAMA, 2007), permite-nos considerar as normas e valores macrosistémicos (solidariedade consensual) e as normas e expectativas microsistémicas – dentro da própria estrutura familiar (solidariedade normativa), para a construção de um *Todo* em que possamos desconstruir preconceitos, visões estagnadas e pouco integrativas do que pode ser o bem-estar pessoal, laboral ou até geracional.

Estudar famílias transnacionais, na perspetiva de jovens adultos/as com FP no país de origem é de grande importância pois permite-nos acompanhar a vaga migratória que emergiu depois de uma crise global, após a primeira década do século XXI, podendo as intervenções integrar o quadro de valores-atitudes destes/as jovens adultos/as emigrantes, para que se possam criar políticas familiares e sociais internacionais adequadas às necessidades de integração e promoção de bem-estar intra e interpessoal.

Permite-nos, igualmente, ter novas pistas para explorar e intervir com as FP que ficaram no país de origem com um *gap* geracional – possivelmente a necessitar de diferentes respostas de saúde e suporte social que considere a distância dos/as seus/suas filhos/as enquanto estão a envelhecer mais desamparadas.

Temos, ainda, a responsabilidade de indagar sobre o bem-estar laboral em Portugal. As perceções das duas gerações indicam-nos um *continuum* de insatisfação e desadequação, embora com mecanismos de gestão diferentes. As variáveis familiares e das migrações devem compreender não só a busca de oportunidades, mas também o que se verificou de

falta das mesmas nos países de origem – possivelmente conseguir-se-á um desenvolvimento integral da sociedade.

Apesar das diferenças geracionais percebidas pelos/as participantes, há evidência da importância da comunicação via novas tecnologias para: i) conexão e coesão entre pessoas em diferentes locais; ii) acompanhamento e ajustamento em quem 'fica' e em quem 'vai'; e, não menos importante, iii) criação de um novo território digital onde os/as filhos/as possam partilhar vivências com mais diversidade aos seus parentes, criando transculturalidade.

A desconstrução de valores, normas e expectativas que promovem desigualdades só podem ser combatidas, em fase inicial, com empatia – a forma ativa de compreensão do outro (GASPAR, 2021). O espaço digital para mediar o presencial cria esta a possibilidade de diferentes gerações desenvolverem escuta ativa, reflexão e capacidade de se colocar no local do emissor da informação (BARROS, 2022).

Não pretendendo um estudo qualitativo ser representativo da população na totalidade, promove reflexões, levanta temas/variáveis que acrescentam conhecimentos que de outra forma não seriam considerados. Assim, conscientes da necessidade de desenvolvimento integral, como sugestão para futuros estudos indica-se a pertinência de se considerar a percepção das figuras parentais e restantes parentes no país de origem.

5. Agradecimentos

Especial agradecimento aos/às participantes do projeto, bem como às entidades que permitiram a realização do mesmo.

Agradecimento ao Centro Investigação em Ciências Psicológicas da Universidade de Lisboa que acolheu o projeto de doutoramento que permitiu a recolha dos dados aqui analisados. Projeto financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, sob referência PD/BD/128345/2017.

Igualmente, ao Research Centre for Communication and Culture (Centro financiado FCT sob referência UIDB/00126/2020) e Católica Doctoral School (com apoio Porticus), na Universidade Católica Portuguesa que, em Pós-Doutoramento, possibilitaram a realização deste artigo.

6. Referências

ALBERT, I.; FERRING, D. Intergenerational solidarity in adulthood: The role of family norms in intergenerational support and ambivalence. **Društvena istraživanja: Journal for General Social Issues**, v. 27, n. 1, p. 5-25, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5559/di.27.1.01>. Disponível em <https://hrcak.srce.hr/clanak/293234>. Acesso em 02 Set. 2022.

BALDASSAR, L., et al. ICT-based co-presence in transnational families and communities: Challenging the premise of face-to-face proximity in sustaining relationships. **Global Networks**, v. 16, n. 2, p. 133-144, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/glob.12108>. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/glob.12108>. Acesso em 25 Jul. 2022.

BALDASSAR, L.; MERLA, L. Introduction: Transnational family caregiving through the lens of circulation. *In: Transnational families, migration and the circulation of care: Understanding mobility and absence in family life*. United Kingdom: Routledge, 2014, p. 3-24.

BARROS, C. **Famílias pelo Mundo: Solidariedade Intergeracional em Famílias Transnacionais**. 2021. Tese (Doutoramento em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021.

BARROS, C. Shall we reflect on empathy? **Integral Human Development Blog**. Lisboa, 02 jun. 2022. Disponível em <https://dhi.hypotheses.org/1976>. Acesso em 22 Ago. 2022.

BENGSTON, V. L.; MANGEN, D. J. Family intergenerational solidarity revisited. *In* MANGEN, D. J.; BENGSTON, V. L.; LANDRY P. H. (Eds.). **Measurement of intergenerational relations**. Thousand Oaks: Sage, 1988, p. 222-238.

BENGSTON, V. L.; OYAMA, P. S. **Intergenerational solidarity**: Strengthening economic and social ties. United Nations, 2007. Disponível em https://www.un.org/esa/socdev/unyin/documents/egm_unhq_oct07_Bengston.pdf

BIRKS, M.; MILLS, J. **Grounded theory**: A practical guide. Thousand Oaks: Sage, 2011.

BRONFENBRENNER, U. **Making human beings human**: Biological perspectives on human development. Thousand Oaks: Sage, 2005.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development**: Experiments by nature and design. Harvard: Harvard University Press, 1979.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**: Guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory**: A practical guide through qualitative analysis. Thousand Oaks: Sage, 2006.

GAMEIRO, J.; SAMPAIO, D. **Terapia familiar**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

GASPAR, A. (2021). Empatia ao longo da vida. *In*: CARNEIRO, J. P.; REBELO, H. P. (Ed.), **Envelhecimento: dimensões e contextos**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021, p. 119-131.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: Sentidos e formas de uso. Cascais: Principia Editora, 2006.

LOWENSTEIN, A. Solidarity–conflict and ambivalence: Testing two conceptual frameworks and their impact on quality of life for older family members. The **Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 62, n. 2, p. 100-107, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronb/62.2.S100>. Disponível em <https://academic.oup.com/psychsocgerontology/article/62/2/S100/548967>. Acesso em 10 Ago. 2022.

Maia, C.; Fernandes, O. (2015). **A Família Portuguesa no séc. XXI**. Lisboa: Parsifal, 2015.

MATEIA, E. K. **O Impacto das novas tecnologias de informação e comunicação na família contemporânea**: um estudo sobre as «relações entre pais e filhos». Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2018.

SARACENO, C.; NALDINI, M. **Sociologia da Família**. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.